

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENAÇÃO DE FILOSOFIA

SAMARA DIAS FERREIRA

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO QUILOMBO DE DAMÁSIO, GUIMARÃES-
MA: Uma educação voltada para a construção da identidade.**

São Luís

2013

SAMARA DIAS FERREIRA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO QUILOMBO DE DAMÁSIO, GUIMARÃES-

MA: Uma educação voltada para a construção da identidade.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof.^aMs. Judite Eugênia Barbosa Costa

São Luís

2013

FERREIRA, Samara Dias

O ensino de filosofia na comunidade quilombola de Damásio em Guimarães- MA: a educação voltada para a construção da identidade/ Samara Dias Ferreira- São Luís, 2013.

p. 46

Impresso por computador (fotocópia)

Orientadora: Prof^ª. Ms. Judite Eugênia Barbosa Costa Monografia (graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2013.

1. Filosofia 2. Ensino 3. Comunidade Quilombola . I título

Número CDU: 1:37

SAMARA DIAS FERREIRA

ENSINO DE FILOSOFIA NO QUILOMBO DE DAMÁSIO, GUIMARÃES-MA:

Uma educação voltada para a construção da identidade.

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Judite Eugênia Barbosa Costa

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Judite Eugênia Barbosa Costa (Orientadora)

Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite (UFMA)

Prof. Dr.^a Marly Cutrim de Menezes (UFMA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por ter me sustentado até aqui, e ter protegido e auxiliado em todos os meus momentos, sempre me abençoando em seus propósitos.

Agradeço à minha mãe, e à minha irmã, pois sem elas não teria conseguido terminar essa graduação, sempre me dando força nos momentos difíceis pelo qual passamos e sobrevivemos.

Agradeço de forma extraordinária a minha Orientadora Prof^a. Ms. Judite Eugênia Barbosa Costa, pela orientação recebida, sem a qual meu projeto de pesquisa e nem esta monografia sairiam do papel. E além de uma orientação, agradeço por ter tido contato em que pude aprender muitas coisas além do âmbito da academia, uma orientação para a vida, com seus conselhos.

Ao meu chefe o Sr. José Antonio Sousa Melo, que sempre me ajudou em todos os meus momentos difíceis, sempre com sua sabedoria, me ensinou sobre dedicação e responsabilidade e o que precisamos para vencer na vida, isso sempre me demonstrando principalmente com a sua história de vida.

Aos meus demais professores da graduação de Filosofia que muito me ensinaram: Prof^a Rita de Cássia, que eu amo e que teve uma contribuição imensa em minha vida acadêmica, Prof^o Almir Ferreira, Prof^o Helder Passos, Prof^a Thaís Moraes, Prof^o Lincoln Sales, Prof^o Alexandre Jordão, Prof^o José Fernandes, e o Prof^o Sidney do Nascimento, por quem tenho gratidão e carinho imenso.

Agradeço também minhas amigas do ensino médio no Cintra, Magally Ramos e Karlyane Diniz, que ainda passado todos esses anos, e apesar da distância, continuam torcendo pela minha felicidade e sucesso.

Aos meus amigos de curso, que me sinto muito feliz em ter tido a oportunidade de conhecer e vivenciar experiências e diálogos filosóficos: Katiane Melo, Karla Sousa, Leonardo Sousa, Francisco Alves, Tiago de Castro (sua amizade tem sido confortante e divertida), Paula Mendes (que além de ter sido uma grande amiga, nem sequer por um momento me deixa desanimar nos meus estudos paralelos em que tenho que conciliar com a filosofia), Noéllio Galvão, Camila Torres, Wilson Viana, Yullia Marizia, Ricardo (um dos mais, senão, o mais promissor estudante de Filosofia do meu período, que teve que abandonar seus estudos para sua manutenção financeira).

Também aos funcionários do Departamento de Filosofia, pelo carinho e atenção no atendimento, meus queridos Fábio Freire e Raquel Macedo. E aos funcionários da Xerox de Filosofia Rodrigo e Poliana.

E aos demais que contribuíram com minha vida acadêmica e torceram por mim, fica o meu agradecimento.

RESUMO

O presente estudo lança uma reflexão sobre o ensino da Filosofia em comunidades quilombolas, estabelecendo uma relação sobre como a abordagem pedagógica da disciplina de Filosofia pode ser conduzida no ensino de alunos então inseridos em conhecimentos e princípios educacionais. Para observar esse processo, o estudo considerou uma experiência de ensino da Filosofia entre crianças e adolescentes residentes no Quilombo de Damásio, no município maranhense de Guimarães. Metodologicamente, a pesquisa consistiu de uma etapa, onde os alunos foram acompanhados dentro de um processo pedagógico, para depois serem submetidos a uma entrevista, em que os mesmos foram questionados sobre a percepção deles sobre o significado e função da Filosofia e sobre como esse conhecimento pode contribuir para sua percepção de mundo.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino. Comunidades quilombolas.

ABSTRACT

The present study launches a reflection on the teaching of Philosophy in traditional communities, establishing a relationship about the pedagogical approach of the discipline can be conducted in teaching students then inserted into knowledge and empirical principles and fairly entrenched cultural values a priori distinct reflexive language suggested by philosophical knowledge. To observe this process, the study considered a teaching experience of philosophy among children and adolescents residing in the Quilombo of Damasio, in the municipality of Guimarães, Maranhão. Methodologically, the research consisted of a stage, where students were followed within a pedagogical process, to after being subjected to an interview, in which they were asked about their perception of the meaning and function of philosophy and how this knowledge can contribute to their perception of the world.

Keywords: Philosophy. Teaching. Traditional communities.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O TEMA PEDAGÓGICO E O PROBLEMA FILOSÓFICO.....	12
3. O CONHECIMENTO E A EXPERIÊNCIA NO ENSINO FILOSÓFICO	16
4. ENSINO DA FILOSOFIA EM CULTURAS TRADICIONAIS: QuilombodeDamásio	20
4.1 Quilombo de Damásio	25
4.2 Escola e ensino da Filosofia em Damásio	26
5. CONCLUSÃO.....	32

REFERÊNCIAS

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

O ensino da Filosofia enquanto matéria disciplinar nos ensino fundamental e médio consiste de uma mudança relativamente recente no sistema educacional brasileiro, uma vez que apenas no fim da década de 1990, com a proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a licenciatura tornou-se obrigatória a partir do último ano do antigo 2º grau, bem como de outras ciências humanas, como a Sociologia.

Porém, o ensino da Filosofia encontra algumas particularidades ao longo de seu processo pedagógico, que podem inclusive soar como pontos discordantes ou mesmo polêmicos, visto os aspectos da proposta educacional de uma forma de conhecimento que pode entrar em conflito – a princípio – como outras formas de conhecimento trazidas pelo aluno enquanto herança de um contexto sociocultural ao qual foi submetido ao longo de sua vivência e experiência enquanto indivíduo.

É o que se pode descrever, por exemplo, dos desafios que o ensino da Filosofia enfrenta ao lidar com o senso empírico demonstrado por alunos ou mesmo por seus familiares que podem discordar daquilo que lhe é proposta não apenas como conteúdo pedagógico, mas também diante de seu significado.

Aqueles que foram concebidos em um contexto tradicional, alicerçado em valores e princípios tradicionais podem de alguma forma se sentirem distanciados em sua condição existencial diante de informações que lhe propõem algo que pode parecer completamente diferente daquilo que ele estava habituado a ver e pensar, de ler e compreender o mundo e a sociedade à qual pertencem.

Longe de procurar impor seu conhecimento como algo hegemônico sobre as formas de pensamento originalmente trazidas por aqueles sob seu ensino, a proposta da Filosofia enquanto disciplina que busca conciliar senso e valores aprioristicamente divergentes, mas que podem ser complementares, contribuindo na formação do senso crítico e do desenvolvimento racional do aluno enquanto parte de um todo maior e complexo chamado sociedade.

Meu interesse na tessitura deste tema se deu pelo fato de ser natural da cidade de Guimarães-MA e o quilombo de Damásio pertencer a essa região. Esta pesquisa também se deu em virtude da futura inserção da disciplina Filosofia na grade curricular da comunidade quilombola de Damásio, dando assim ênfase nesta pesquisa.

A proposta de estudo procurou discutir justamente sobre como a Filosofia poder ser apresentada no ensino de comunidades quilombolas, trabalhando com valores e princípios que apresentam uma visão de mundo peculiar.

Nesse contexto, o problema fundamental a ser contextualizado deve satisfazer a seguinte pergunta: quais os desafios do ensino da Filosofia no ensino de alunos inseridos a uma realidade social e cultural própria de comunidades tradicionais e quais as formas de apresentar seu processo pedagógico de forma conciliativa e complementar, sem ferir ou contradizer o conhecimento comum do indivíduo?

Para trazer esta questão junto a um discurso mais próximo da realidade de ensino da Filosofia em comunidades quilombolas, procurou-se abordar uma experiência de ensino entre adolescentes que vivem em uma comunidade quilombola do município maranhense de Guimarães-MA, conhecido como Damásio.

O objetivo principal do estudo é de contextualizar o ensino da Filosofia enquanto disciplina curricular entre adolescentes quilombolas, sobretudo no processo de interpretação desses jovens sobre sua forma de ler e compreender o mundo, e sobre como o conhecimento filosófico pode contribuir para esse processo.

Para atingir esse objetivo, o estudo procurou descrever como tem se dado a experiência do ensino da disciplina Filosofia entre jovens quilombolas, na vivência escolar e sobre como a junção entre diferentes formas de conhecimentos contribuíram na leitura e compreensão de mundo em suas perspectivas vivências

Além da parte introdutória, o estudo se divide em mais três segmentos. Os capítulos seguintes apresentam discursos sobre a Filosofia e seu enfoque pedagógico, e o ensino a sistemas culturais tradicionais, como no caso dos quilombolas.

O quarto capítulo se dedica à descrição da pesquisa, da apresentação de resultados e a discussão sobre a experiência pedagógica realizada entre adolescentes do quilombo de Damásio, em Guimarães, Maranhão.

Na conclusão, tudo o que foi descrito em termos teóricos e na experiência pedagógica do ensino de Filosofia ao longo do estudo, especialmente, uma contribuição sobre como este tipo de conhecimento pode servir na formação educacional respeitando a diversidade sociocultural da comunidade de Damásio em relação à sociedade brasileira.

2. O TEMA PEDAGÓGICO E O PROBLEMA FILOSÓFICO

Num primeiro momento foi analisado o problema do ensino da filosofia bem como recuperar a problemática abordada pelos filósofos no decorrer da história da filosofia, especialmente sobre o ensino da filosofia. Porém, esse foi o ponto central do obstáculo atual e de como nesse presente o desafio do ofício do professor é aceito pelo filósofo professor.

Numa segunda fase, abordar-se-á o pensamento de Kant, um dos principais filósofos que, além de ter influenciado de maneira marcante o pensamento filosófico, refletiu sobre a temática do ensino da filosofia. O resgate desse autor tem por designio buscar indícios das suas influências no pensamento sobre o ensino da filosofia no contexto atual.

Desse modo, o ensino da filosofia tem sido pensado na contemporaneidade brasileira, a maneira pelo qual o pensamento sobre esse ensino tem se fundamentado no universo acadêmico das pesquisas a respeito do assunto e as questões que vêm sendo argumentadas pelos pesquisadores dessa área. Para isso, apresentar-se-á uma análise crítica sobre algumas tendências no debate que foi feito no Brasil, com o desígnio o de apontar alguns dos principais paradigmas que direcionaram as diferentes abordagens sobre o ensino da filosofia.

A produção teórica sobre a temática do ensino da filosofia no Brasil é presente e ainda insuficiente. Ao falar sobre o levantamento bibliográfico, verifica-se que a maior concentração dos estudos está nas produções de pesquisadores conectados à filosofia da educação, em sua maioria filósofos de formação, mas que atuam na área da educação.

Apenas, uma pequena parte desses estudos evidencia uma análise, que foi desenvolvida por filósofos ligados aos cursos de filosofia. Mesmo existindo algumas publicações desses filósofos sobre o assunto, elas estão mais focadas nos questionamentos políticos educacionais concernentes à relevância da filosofia e do seu ensino na formação do cidadão, tema comum desde o final dos anos 1960.

Talvez, uma das razões para tão poucas publicações seja especialmente, o fato dos assuntos sobre o ensino da filosofia serem entendidos como questões educacionais, o que eventualmente as distanciaria dos problemas filosóficos.

Dessa forma, a filosofia poderia se ocupar de questões “mais especiais” e superiores como a metafísica, a teoria do conhecimento, a ética e, de maneira geral, especialmente, a história da filosofia.

Um dos motivos que podem explicar, mas não evidenciar o pouco interesse sobre os problemas do ensino da filosofia por parte dos filósofos pode estar centrada na história dos cursos de pós-graduação em Filosofia, entre os quais é difícil encontrar um programa, área ou linha de pesquisa que se desperte interesse pela temática ou que tenha como prioridade o refletir sobre o ensino da Filosofia e as questões teórico metodológicas.

Durante longo período, a discussão a respeito do ensino da filosofia manteve-se submetida àquelas feitas pela filosofia da educação, a não ser por alguns artigos esparsos promulgados por pesquisadores cuja relação era somente com a filosofia e não com a filosofia da educação.

No panorama geral do ensino da filosofia, a reviravolta desse fato aconteceu em outro contexto, qual seja, em 1961, desde o decreto de lei nº 4.024/61, a filosofia deixou de ser obrigatória no ensino.

A discussão sobre a importância do ensino da filosofia foi sendo resgatada inicialmente às escuras, em resposta à repressão militar, e, tempos depois, de maneira mais forte, a partir da retomada da democracia nos anos 1980, com as manifestações em torno da volta da filosofia aos currículos do Ensino Médio.

O contexto histórico-social no qual viviam os filósofos brasileiros propiciava uma discussão que tinha como função principal o convencimento e a explicitação para a sociedade em geral e para os responsáveis pela educação, em particular, sobre a importância da recolocação da disciplina de filosofia no Ensino Médio e da urgência em se efetivar isso.

Com isso, quase toda a discussão sobre o ensino da filosofia consagrou-se no debate a respeito da sua importância no ensino médio, ficando quase nulas as referências ao ensino de filosofia nos curso superiores.

Talvez devido a essa falta de atenção, o ensino da filosofia foi sendo retirado aos poucos dessa etapa de formação, espaço que ocupou quando da queda da sua prática no Ensino Médio e, especificamente, no final da década de 1980, com a grande ampliação e abertura de cursos superiores.

A partir de 2000, a expansão outrora responsável por expandir-se a filosofia como disciplina nos cursos de graduação acabou por favorecer para que perdesse lugar em alguns cursos.

Desse modo, as universidades e institutos de ensino superior têm gradativamente eliminando a disciplina de Introdução à Filosofia, de Filosofia da Educação de seus currículos escolares.

A justificativa para isso, recai no argumento de que há uma exigência de pressa na formação do aluno universitário pela demanda do mercado e que, por isso, disciplinas que não contribuam diretamente com a formação profissional precisam ser retirados do currículo.

Outro argumento que ampara a supressão da filosofia nesses cursos é a carência de que, as disciplinas menos importantes cedam espaço àquelas de fundamental relevância à formação técnica. Podemos citar como exemplo, os cursos de pedagogia que tinham suas disciplinas divididas no decorrer de quatro anos, presentemente são realizados em apenas três anos em boa parte das universidades.

Pode-se atribuir o motivo disso simultaneamente à pressa dos estabelecimentos privados em formar os estudantes para conseguir maior lucratividade com a sua formação e à pressa dos próprios discentes para ingressar no mercado de trabalho o mais rapidamente possível.

No entanto, nota-se que mesmo os estabelecimentos de ensino público estão acompanhando um caminho muito parecido, descartando de seus currículos a disciplina de Filosofia e, em algumas situações, a de Filosofia da Educação.

Em decorrência das mazelas pelas quais a filosofia recebeu, nas últimas décadas, à preocupação dos pesquisadores sobre o ensino da filosofia localizou-se em uma característica que precisava ser evidenciada: o convencimento da relevância da filosofia na formação dos alunos nos Ensinos Fundamental, Médio, Superior e, até mesmo, no ensino da filosofia para crianças, com o objetivo de marcar o seu espaço na formação crítica do indivíduo.

Nos anos de 2000, o assunto intensificou-se, especialmente com a aprovação pelo Congresso Nacional e o respectivo veto do Presidente da República em 2001 do Projeto de Lei n. 3178/97, que discorria sobre a obrigatoriedade do ensino da Filosofia e Sociologia na Educação obrigatória no Brasil a partir do ensino médio.

Devido a esse contratempo, as polêmicas sobre a importância do ensino da filosofia e das condições para sua implantação tomaram uma força muito superior no cenário nacional, uma vez que a razão do veto foi à ausência de docentes para assumir as respectivas aulas. Tomazetti (2002, p. 88) destaca que,

[...] apesar da derrota, instaurou-se positivamente um processo de reflexão sobre o ensino da filosofia, suas exigências, dificuldades, forma e conteúdo. E mais, dentro de um contexto nacional de discussões e de novas políticas para a formação de professores, passou-se a discutir a formação inicial do professor de Filosofia dentro de um curso que, mesmo sendo de licenciatura, muitas vezes enfatiza a formação para a pesquisa, em detrimento da preparação para a docência.

A citação acima traz à tona uma preocupação com formação docente e seus desdobrados. Nesse caso, a filosofia tem recebido uma ampla visibilidade e a busca por cursos de licenciatura nessa área tem aumentado de forma bastante significativa.

Em diversos estados do Brasil, o ensino dessa disciplina tornou-se obrigatório no Ensino Médio, mesmo que existam muitas discordâncias sobre a implantação das resoluções e sobre os jogos políticos dos Conselhos Estaduais e Federais de Educação a respeito da determinação do Conselho Nacional.

Outra esfera no qual a filosofia tem conquistado espaço é na participação dos exames vestibulares, através da formação, tanto de questões que abordem principalmente, os conhecimentos filosóficos, quanto das que usam a filosofia como um conhecimento “transversal”, objetivando o entendimento filosófico de certas questões.

Alguns debates, ainda que tenham recebido menores proporções, podem ser resgatados por sua forte característica metodológica, ou seja, por darem enfoque à compreensão de uma metodologia do ensino da filosofia e à elaboração de manuais ou de livros didáticos.

Nesse entendimento, alguns teóricos dedicaram-se a refletir o ensino da filosofia como sendo um resgate de temas que sejam importantes para o enriquecimento dos conhecimentos dos alunos, mas que, de alguma forma, procure conciliar diferentes pontos de vista sem ‘ferir’ as particularidades e a carga cognitiva pré-adquirida por aqueles que receberão seu conteúdo.

Perante a explanação sobre o modo como o ensino da *filosofia* tem sido visto no Brasil, pode-se indicar que as questões que o envolvem são discutidas no contexto atual.

Nota-se, nesse contexto, uma precariedade de pesquisas que problematizem o relacionamento do filósofo com o exercício que lhe é confiado: ser professor de filosofia.

Talvez isso tenha reafirmado uma colocação pedagógica desde uma problematização educacional quanto aos métodos e conteúdos e de um posicionamento filosófico sobre a relevância desse ensino.

3. O CONHECIMENTO E A EXPERIÊNCIA NO ENSINO FILOSÓFICO

Nas poucas conveniências que a Filosofia tem para participar desse método formativo, ela tem problemas em localizar o seu lugar e em se distinguir em um recinto onde é desvinculada de si mesma.

Além disso, a pouca carga horária resguardada a essa disciplina (em média 30 horas-aula) dificulta a probabilidade de um desenvolvimento duro do pensamento filosófico. O tempo disponibilizado para a inquietação dos assuntos filosóficos e para a materialização de um tipo de meditação ambicionado pela filosofia é ínfimo.

Ao dificultar a apropriação intelectual dos assuntos pelos alunos, a negação de um jeito de temporalidade preciso à constituição do pensamento filosófico evita que a constituição de uma análise crítica, equivocadamente almejada sob essas condições.

Nesse contexto pouco favorável ao filosofar, o ensino da filosofia diversas vezes se baliza numa transmissão de conteúdos cuja finalidade é fazer com que o discípulo acumule uma maior quantidade de informações plausíveis no pouco tempo que lhe é dado.

Assim, aquilo que seria principal para a solidificação do procedimento formativo a realização de uma transformação de atitude do aluno perante o mundo e a si mesmo, desde um pensamento crítico protegido pelas reflexões acordadas no encontro de seu raciocínio com o pensamento dos filósofos seria algo quase

impraticável de acontecer, por se fundamentar, múltiplas vezes, em uma maneira superficial de desempenho entre os pontos de vista dos filósofos demonstradas pelo docente acerca de um determinado tema e os conteúdos vistos como necessários no ensino da filosofia.

O ensino da filosofia que se exercita nesses lugares privilegia a transferência do saber produzido no contexto da história da filosofia. Alunos e professores são medidos por aquilo que conseguiram acumular de informação desde o seu enquadramento nos conhecimentos estabelecidos. Essa lógica do ensino direciona a relação ensinar/aprender para um papel: ensinar é transmitir os verdadeiros aspectos sobre aquilo que os filósofos falaram e aprender é compreender satisfatoriamente aquilo que foi explanado, fazendo uma correlação entre o esclarecimento do professor e o que se localiza nas obras filosóficas para, depois, repetir de maneira clara e distinta aquilo que se aprendeu.

O professor de filosofia, diversas vezes pressionado pelas circunstâncias adversas torna-se refém dessa mesma coerência da explicação ao acreditar que a única saída para se lecionar minimamente à filosofia é a transmissão, ou seja, esclarecer ao aluno aquilo que conhece da filosofia. Nessa lógica, existe implícita a crença de que aquele que esclarece é o possuidor dos conhecimentos filosóficos fundamentais que lhe consentem assumir a responsabilidade de transmitir os assuntos da filosofia àqueles que não o tenham.

Com esse tipo de “ensino”, estar-se-ia privilegiando a transmissão de um tipo de saber que, pretendendo-se filosófico, é caracterizado por um “saber técnico” cuja finalidade é ensinar a identificar a forma e o conteúdo de um específico pensamento.

Através, da estrutura da explicação, o ensino da filosofia corre o risco de se tornar somente um ajustamento do que se aprende àquilo que foi ensinado. Em outros termos, no ato de “aprender”, a relação entre o aluno e o texto filosófico sobrevém através de um procedimento de mediação da aprendizagem que foca na explicação apresentada pelo professor como a maneira legítima de captar a verdadeira significação dos pensamentos que compõem esse texto.

Aos alunos, por seu lado, cabe entender o que os filósofos disseram compreendendo a composição das grandes obras filosóficas, auxiliados pela explicação do professor para, posteriormente, repeti-las em uma pretensa erudição.

Assim, a relação ensino/aprendizagem no ensino da filosofia pode ser entendida como uma relação entre a explicação e a compreensão que vai disponibilizar o acúmulo de informações sobre a filosofia: esclarecimento de algo que não passou essencialmente pela experiência do professor (pois, muitas vezes, ele também foi refém da explicação de seu educador) e que, muitas vezes, não foi elemento do seu pensamento enquanto experiência; e compreensão, por parte do estudante, que se compõe em uma relação puramente cognitiva com o esclarecimento dado pelo professor.

Desta perspectiva, o raciocínio dos alunos aquilo que se produziu do contato direto do aluno com a filosofia de nada valeria, pois o que se aguarda do educando é que este contraia a representação dos significados determinados e que alcance relacioná-los aos significantes solidificados pelo verdadeiro pensamento filosófico.

A relação entre o aluno, o filósofo, o mundo e o problema passa, assim, a constituir-se por uma forma de mediação: parte-se do arrolamento que algum filósofo criou com o mundo, adotando-a como padrão para, assim, relacionar-se com o problema.

Nesse contexto, toda a relação do estudante com o mundo é intercedida pelo modelo inventado desde o olhar de um determinado filósofo, uma probabilidade de uma experiência do mundo se desenhasse somente na sombra da experiência vivenciada pelo pensamento do filósofo e não na experiência de um problema que surge do olhar singular do educando desde o interior do mundo.

Nessa relação, o aluno não afunda diretamente na pluralidade que envolve o problema, ou mais precisamente, de uma visão de mundo, mas é continuamente mediado pelo raciocínio de um filósofo.

A figura como essa relação se compõe evidencia, então, a questão de uma brilhante desvalorização da experiência presumível de se fazer perante o conhecimento transmitido.

Na contemporaneidade, a vertigem dos fatos que se empilham leva à consideração errada de que existe uma ativação das experiências. Todavia, o acesso a uma informação não se institui como um saber, mas, diversas vezes, como o lastro de uma acumulação de informações que continuam num plano de realidade, na qual aquilo que acontece não se forma em uma experiência.

Nessa configuração de transmissão, as figuras são corrompidas num processo de desfiguração dos sentidos. Ainda que a vontade de possuir o conhecimento dos fatos em si mesmos esteja continuamente presente, o desejo de fazer uma experiência, de narrar e de ouvir aquilo que se experiência dilui-se na alucinação de um ritmo de acontecimentos em que eles não se compõem como experiências-acontecimento.

Uma admissível chave para arriscar-se numa réplica nesse problema talvez esteja justamente na apreensão da razão e do estilo por meio do qual se torna cada vez mais pobre em experiência, ou seja, na procura por caminhos que poderiam separar da condição empobrecida e de, portanto, instituir condições para que a experiência de pensamento possa incidir. Um ambiente no qual isso poderia acontecer seria o próprio ensino da filosofia.

Porém, o modo como a filosofia tem sido ensinado não contribui para que os problemas assinalados anteriormente sejam resolvidos, uma vez que também forneceu, pode-se observar que o ensino da filosofia, que está ligado à transmissão de conhecimentos, não julga a experiência, mas a comunicação dos saberes abstratos e a reprodução daquilo que foi dito pelos grandes filósofos.

O empobrecimento da experiência favoreceu, assim, para o abrandamento dos estilos de vida das pessoas, de um raciocinar filosoficamente sobre a vida; o problema da experiência e do saber no ensino da filosofia, parece descrever um modo de problematizar que escapa das figuras dogmáticas do pensamento, que foi sedimentada durante longo tempo na história do pensamento sobre o instruir a filosofia. Esse problema se afigura, ainda, como um problema que afeta decididamente toda a ação do professor na sala de aula.

Os conhecimentos recebidos pela transmissão passaram a ser o legítimo instrumento que deveriam ser usados para a compreensão e integração da/na vida. Isto significa dizer que, o ensino de filosofia viabiliza uma formação mais emancipatória e aos jovens é dado participar mais ativamente na sociedade, e sobre o ensino de filosofia em culturas tradicionais, mais especificamente no quilombo de Damásio.

4 ENSINO DA FILOSOFIA EM CULTURAS TRADICIONAIS: Quilombo de Damásio

Como dito na introdução deste estudo, o ensino da Filosofia enquanto disciplina curricular consiste como obrigatório em todas as escolas públicas e privadas a partir do ensino médio no Brasil, e como matéria facultativa nos últimos anos do ensino fundamental.

Essa medida consta de uma proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecidos ao final da década de 1990 que visavam a reformulação da apresentação do conteúdo pedagógico de matérias escolares de uma forma mais pertinente às atualizações e definições sobre uma abordagem de ensino mais democrática, inclusiva, diversificada e coerente com aspectos políticos, culturais e sociais que permeiam o processo de formação educacional do aluno brasileiro (TESSER, HORN, JUNKES, 2012).

Tais alterações repercutiram sensivelmente na maneira de como a educação e seus instrumentos de representação – escolas, secretarias de educação, professores, bibliotecas, entre outros, independente da esfera política ao qual se encontram vinculados – passaram a ser organizadas no Brasil, especialmente no contexto do ensino público.

Se antes os currículos e as formas de ensino e os instrumentos pedagógicos e institucionais do sistema educacional brasileiro se restringiam a um discurso formal, mas, no entanto, mecanicista e pouco atento a diferenças sociais, culturais, econômicas e políticas que interferem no processo de aprendizado e que, de toda forma, participam consideravelmente tanto na formação cognitiva do indivíduo quanto na sua preparação enquanto parte de um todo complexo definido pela sociedade e suas relações interpessoais.

Essas alterações conduzidas pelo Governo Federal e geridas por todo o sistema educacional brasileiro procuraram ressignificar a função do ensino enquanto instrumento de implementação democrática, de inclusão e incentivo ao desenvolvimento humano dos alunos; algo que, de toda forma, ainda enfrenta sérios problemas para que se concretize em prática, visto os sérios problemas sociais brasileiros que atingem também o campo da educação, mas que, ainda que em passos

tímidos, começa a alçar um esboço voltado para a definição do propósito constitucional destacado na relação da aprendizagem (BAPTISTA, 2010).

Em especial, a proposta inclusiva repercutida pelos PCN's atingiu de maneira bastante significativa grupos que, por diferenças socioeconômicas e socioculturais, não participavam de forma plena do processo educacional.

Decerto, mudanças sensíveis nesse sentido foram capacitadas no intuito de promover a recompensação de uma dívida do Estado brasileiro com relação a determinadas populações que foram historicamente marginalizadas e que ainda hoje se encontram em estado de vulnerabilidade social. Uma educação mais inclusiva funcionaria então, nesse sentido, como uma ferramenta de promoção de cidadania.

Comunidades quilombolas são exemplos característicos de populações que ficaram à deriva durante boa parte do processo de formação histórico-social do Brasil e que ainda enfrenta problemas cotidianos, como exemplificado pelo direito à terra, saúde e, mais especificamente, quanto à educação. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Quilombola, (BRASÍLIA, 2011, pág. 13)

A educação escolar quilombola deve ter como referência valores sociais, culturais, históricos e econômicos dessas comunidades. Para tal, a escola deverá se tornar um espaço educativo que efetive o diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, valorize o desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território.

Descendentes diretos de escravos que fugiram da opressão da servidão colonial que vigorou no país até o final do século XIX, ou sucessores de ex-cativos, que alcançaram a liberdade com o fim da economia escravagista no mesmo período citado há pouco, os quilombolas são representantes de uma cultura de resistência e sobrevivência que procuram perpetuar suas raízes e matrizes no espaço em que vivem.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2012), existem comunidades quilombolas reconhecidas e tombadas por lei em 24 dos 27 estados da federação brasileira, embora os principais territórios pertencentes a estes núcleos culturais estejam concentrados no Pará, Maranhão e Bahia.

De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, há em todo o Brasil 190 comunidades quilombolas certificadas e distribuídas em 109 territórios legalizados, onde vivem quase 12 mil famílias (INCRA, 2012).

Somente no Maranhão, há estudos que apontam 527 comunidades quilombolas, sendo que entre estas, apenas 20 eram reconhecidas e legalizadas pelo Governo Federal, possuindo inclusive o título de dona das terras onde vivem (INCRA, 2012). Antes propositalmente reclusos a fim de manter suas terras, tradições e costumes preservados, essas populações agora se veem próximas dos desafios da modernidade no que diz respeito à procura de seus direitos e garantias sociais, inclusive no que se refere a questões elementares para a preservação de sua cultura e do bem-estar comunitário, entre os quais o acesso a uma educação de qualidade.

A luta pela ampliação dos direitos civis de grupos historicamente marginalizados e excluídos tem avançado mundo a fora e pautado a agenda dos mais diferentes setores da sociedade. No campo das políticas públicas esta discussão tem produzido a criação de uma legislação específica que garanta a inclusão dos grupos marginalizados e de combate às formas de exclusão. (Disponível em: <http://www.llpefil-uerj.net/oficinas/141-2007-o-papel-da-filosofia-africana-noensino-de-filosofia-no-brasil-olhares-sobre-a-lei-1063903>. Acesso em: 16/12/13).

O artigo 6º da Constituição Federal trata sobre os direitos sociais que são a educação, moradia, alimentação, no que tange à educação está vinculada ao princípio de igualdade material, que pragmatiza igualdade de condições que nos é dado pelas Políticas Públicas. Ter educação é um direito fundamental contido na Constituição Federal brasileira.

O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõe a realidade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2000, p.32). Esse desafio está diretamente ligado ao processo ensino-aprendizagem, no que tange à educação filosófica inserida na escola. Desse modo, pretende-se identificar como foi construída e estabelecida a questão educacional na referida comunidade de Damásio em Guimarães-MA, analisando desta forma os espaços educativos, bem como, a partir de que momento foram construídas escolas nessa comunidade, detalhando esse crescimento educacional principalmente porque já houveram quilombolas formados, então como se deu o papel da filosofia nessa formação.

O processo formativo nas comunidades quilombolas, foram inseridas com lentidão. A inserção do ensino de filosofia representa uma construção da identidade, pois, houve uma mudança estrutural que fragmenta e desloca as identidades culturais, dessa maneira a análise que se faz dos acontecimentos educacionais, filosóficos nas comunidades é que formam a questão da identidade sendo o ensino de filosofia a principal representante desta construção de identidade. Conforme análise de Hall (2001,p.11):

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

A discussão sobre a construção da identidade quilombola na comunidade de Damásio em Guimarães-MA, pauta-se na questão de como a identidade do povo quilombola é forjada, voltando sempre para a questão educacional filosófica, pois, a filosofia preocupa-se com as transformações culturais, dando ênfase na ética da libertação educacional, é perceptível nas reflexões sobre Políticas Públicas educacionais para quilombolas que debatem sobre esse fato. A filosofia possibilita o estudo da exclusão social e direitos humanos, trazendo a identidade étnica implicando dedicação ao grupo das comunidades quilombolas.

Em outras palavras, o ensino convencional em uma comunidade quilombola ou para alunos advindos desses núcleos particulares que enunciam uma sociedade tradicional deve estabelecer uma justaposição de princípios, capacitando o aprendizado do indivíduo sem que, para isso, ele seja obrigado a abrir mão de suas crenças e visões de mundo, estabelecendo em si uma educação inclusiva na plena aceção do termo.

Assim, diferentemente do modelo de ensino difundido no sistema público educacional brasileiro até pouco tempo antes da implementação dos parâmetros curriculares nacionais, a proposta de uma educação inclusiva em alunos pertencentes a sociedades tradicionais deve se atentar ao respeito e valorização da matriz ideológica e da identidade cultural de forma simultânea ao conteúdo disciplinar apresentado tanto para a formação profissional, acadêmica e para as relações sociais.

O ensino da Filosofia enquanto disciplina curricular pode ser compreendido como um dos principais desafios aos professores da matéria no que tange a transmissão do conteúdo de forma inclusiva e sem suscitar entreveros

ideológicos ou subjugar os princípios e valores os quais herdaram os alunos ao longo de sua formação social.

Fala-se isto, de forma mais precisa, pelo caráter de certo modo ‘inovador’ que a Filosofia pode provocar no aluno, de apresentar outra forma de ver e sentir o mundo e as relações sociais em seu entorno, muito embora sua identidade cultural deva ser preservada.

Talvez se encontre aí um dos desafios mais atuais a ser encarado pela disciplina filosófica: o convite à outras leituras cosmológicas sem que seja deturpada a base tradicional, como, por exemplo, aquela advinda com o estudante advindo de uma comunidade quilombola.

Como destacado na introdução do presente estudo, o objetivo principal foi de contextualizar o ensino da Filosofia enquanto disciplina curricular entre adolescentes quilombolas, sobretudo no processo de interpretação desses jovens sobre sua forma de ler e compreender o mundo, e sobre como o conhecimento filosófico pode contribuir para esse processo, sendo que, para isso, o espaço de pesquisa considerou as relações pedagógicas definidas por uma instituição escolar de ensino fundamental tem grande parte de sua demanda preenchida por estudantes oriundos da Comunidade Quilombola de Damásio, em Guimarães, Maranhão.

De posse dessa experiência que se procurou reconhecer a relevância da disciplina Filosofia não apenas na formação educacional de alunos quilombolas, mas na sua composição enquanto componentes e sujeitos ativos no processo de leitura e interpretação do mundo em que vivem e do mundo que lhe é apresentado pelo conhecimento filosófico, bem como do desafio de que todo este processo seja apresentado de forma coerente à identidade e saber tradicional do aluno.

4.1 Quilombo de Damásio

Damásio está localizado em Guimarães, município localizado a oeste do estado do Maranhão. Oficialmente fundado em 1969, a Comunidade Quilombola de Damásio é formada por famílias descendentes de outros quilombos de Guimarães, Alcântara e adjacências.

Seus núcleos originais descendem diretamente de africanos que trabalhavam em regime de escravidão em grandes latifúndios e engenhos de fazenda e que sustentavam a base da economia de toda a região durante o regime colonial no breve ciclo do açúcar e, principalmente, no ciclo do algodão.

Por advirem de núcleos descentralizados e de outras comunidades, a matriz cultural de Damásio difere de outros quilombos maranhenses, que possuem antecedentes mais ‘preservados’ do ponto de vista histórico, com relação à idade de formação do seu núcleo original.

Enquanto no Maranhão existem comunidades quilombolas bastante antigas, sendo muitas inclusive seculares, Damásio é relativamente recente, possuindo pouco mais de 44 anos.

No entanto, o compartilhamento da ideia comum de preservação das tradições de matriz étnico-cultural entre as pessoas que habitam Damásio elevam sua condição de reduto de preservação de hábitos e do modo de vida quilombola estendidos por seus antepassados.

As terras onde hoje está localizada a comunidade quilombola era antes pertencentes à antiga fazenda *Calhau*, que deve sua extensão doadas aos antigos trabalhadores escravos, antepassados diretos dos atuais moradores. Somaram-se a esses pioneiros as famílias vindas de outras fazendas, como *Gameleira*, *Gericóe* Santa Maria de Guerra.

Damásio não se encontra entre as 20 comunidades quilombolas existentes no Maranhão que possuem o título definitivo de proprietárias de suas terras e que se encontram tombadas pela União como núcleos de preservação cultural.

No entanto, há estudos em produção no sentido de promoverem a referida comunidade quilombola ao tombamento devido sua importância na preservação cultural de matriz afro-brasileira no município de Guimarães, bem como da efetivação do reconhecimento de propriedade de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

O interesse na certificação da Comunidade Quilombola de Damásio é extremamente relevante, visto que a concessão do título de terras corresponde como importante para que conflitos agrários – bastante ocorrentes no Maranhão – sejam evitados, além de contribuir na preservação de hábitos, costumes e na cultura de subsistência e extrativismo desses povos.

O que se pode instrumentar, por exemplo, entre alunos que pertencem a sociedades tradicionais, como os quilombolas, que suas crenças e ritos possuem referenciais antropológicos ricos em símbolos e que podem muito bem traduzidos para um sistema de códigos diferentes, como o da Filosofia Moderna (FLORES, 2006). Por meio dessa flexibilidade, o aluno tanto é convidado para aprender uma nova forma de conhecimento, como apresenta sua visão particular de pensamento e visão de mundo.

Com isto, a parte mais prática do estudo realizado na escola que atende a população da Comunidade Quilombola de Damásio procurou observar como a disciplina é apresentada e, mais precisamente, sobre os desdobramentos de como leituras cosmológicas distintas podem ser representadas de um modo conciliador e complementar, até mesmo se considerando que ambas – Filosofia e Conhecimento Tradicional – podem ser aprioristicamente concordantes e, portanto, passíveis de serem conduzidas sem maiores problemas no processo pedagógico.

4.2 Escola e ensino da Filosofia em Damásio

A instituição de ensino estudada foi a Unidade Integrada Manoel Martins da Silva, que atende à Comunidade Quilombola de Damásio e povoados adjacentes. Possui 10 turmas, sendo seis do fundamental menor – 1º ao 5º ano – e quatro do fundamental maior – 6º ao 9º ano.

O ensino da Filosofia é apresentado entre as disciplinas do fundamental maior, como preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a referida disciplina e Sociologia.

A observação do ensino de Filosofia na referida escola despertou a importância sobre os discursos contemporâneos sobre Educação, a proposta da inclusão escolar traçou caminhos longos, por vezes tortuosos, e que se processaram através de mudanças, construções e desconstruções, até se alçar na formação do contexto atual que se concebe sobre a efetiva participação de pessoas que, por

bastante tempo, viviam à margem das políticas educacionais emitidas pela sociedade e Estado que até hoje são insatisfatórias

A escola que atende a comunidade tem papel imprescindível nesse processo de preservação da cultura e modo de vida quilombola em Damásio, para que seja reproduzido e perpetuado para as próximas gerações, muito embora, ao mesmo tempo, consta o compromisso que essa instituição corresponda quanto ao seu compromisso na formação acadêmica, profissional e social dos alunos.

Minha estadia na escola Manuel Martins da Silva se deu por algumas visitas, a primeira de sondagem, para conhecer a escola, a administração e direção escolar, que por sinal, é uma escola extremamente organizada e limpa, assim como, me apresentar a todos, principalmente aos professores e diretores que estaria por ali fazendo uma pesquisa monográfica.

Infelizmente, não há biblioteca na escola, porém na comunidade há um projeto chamado “Expedição Vagalume”, onde há uma biblioteca comunitária chamada Luz do Quilombo e é cuidada por quilombolas voluntários. Há uma quadra quase em frente à escola, em que os estudantes praticam suas atividades físicas.

Em outras sondagens tive como instrumento de pesquisa a observação da explanação da aula, de um dos três professores de Ética e Cidadania que lá ensinam. Como já disse anteriormente a escola atende sua demanda de alunos com 06 turmas pela manhã do fundamental menor (1º ao 5º ano), e 04 turmas do fundamental maior (6º ao 9º ano). Na escola quando os alunos terminam o ensino fundamental, tem que ir para Guimarães para cursar o ensino médio. Nas comunidades quilombolas vizinhas como Coroatá, Caratatiua, os alunos vem de Van para a escola de Damásio.

Os professores que lecionam a matéria de Ética e Cidadania, dois deles são professores de Matemática e o outro professor leciona Biologia. Segundo a diretora da escola há rumores que a partir do próximo ano, mudará a nomenclatura da matéria para Filosofia.

Tive como experiência observar como se dá a contextualização dos conhecimentos dos alunos: suas relações com o Colégio e o estudo; a forma de construção do conhecimento de cada um; histórias pessoais e familiares e, a partir dessas experiências, observar também como estes interagem com a sociedade.

O professor que eu pude acompanhar por poucos dias pelo que foi observado e percebido este tem uma boa relação com seus alunos. O observei sempre conversando

com seus alunos, mantendo sempre sua postura de seriedade e respeito em sala de aula.

Como material didático eles ainda não usam livros que retratam sobre a história da filosofia e afins, pois, a disciplina ainda é de Ética e Cidadania, eles pautam por debater conceitos como violência, ética, construção de valor na escola e na sociedade. O que também é relevante. Como mencionei os professores retratam mais por esse viés educacional. Este problema se dá porque nossas escolas sofrem como a falta de professores qualificados em sua devida área, usando assim professores de outras matérias como “tapa buraco” e esse fato acontecer numa comunidade quilombola não é de se espantar.

Apesar da disciplina ser Ética e Cidadania e que no ano de 2014 haverá rumores da implementação da disciplina Filosofia, o prof^o me confidenciou que mescla esses conceitos com o ensino propriamente da filosofia e que usa o livro: Convite à Filosofia, da Marilena Chauí, em sua turma com seus alunos.

Também percebi esses ensinamentos quando conversei com a turma do 8º ano e apliquei com os mesmos um questionário¹ em que foi respondido por eles e também tive a oportunidade de dialogar sobre o que era a Filosofia, de antemão reproduzo minha imensa satisfação em ouvir alguns alunos muito participativos, quando conversei com eles os mesmos estavam participando e opinando sobre, e ainda cito que houveram poucas participações por livre e espontânea vontade porque essa turma tinha no mínimo 12 alunos.

A composição do questionário baseou-se em seis questões bem simples e objetivas sendo duas de múltipla escolha e quatro discursivas informando sobre a leitura ou interesse dos alunos pela disciplina de filosofia. O mesmo segue a seguinte ordem, com os seus respectivos resultados:

1. Para você o que significa o estudo de Ética e Cidadania (Filosofia)?

- a) Não tem significado algum.
- b) É mais uma disciplina para obter aprovação.
- c) Possibilita ver a realidade de uma forma mais crítica.
- d) Ajuda a compreender as outras disciplinas.

¹ Este relatório mencionado acima, não poderá constar nos anexos, pois, na volta para casa fui assaltada, perdendo assim os 12 questionários aplicados, todavia, já havia feito a leitura, e pude analisar, mesmo de maneira incipiente, a resposta dos alunos.

R: Nesta questão não houve nenhuma resposta que se direcionasse a primeira alternativa, para segunda alternativa o percentual foi de 14,81% dos entrevistados (04 alunos), a terceira opção obteve um percentual de 44,44% dos entrevistados (05 alunos), já a quarta opção o percentual foi de 25,93% dos entrevistados (03 alunos).

2. Você leu algum livro de filosofia?

- a) Sim.
- b) Não.

R: O resultado desta questão foi a seguinte, 7,41% dos entrevistados (02 alunos) responderam que sim, e a grande maioria 92,59% dos entrevistados (10 alunos), responderam que não.

3. Caso a questão anterior seja afirmativa, qual (is) o(s) livro(s) de filosofia você já leu?

Das duas respostas afirmativas, apenas um entrevistado disse ter lido, mas não se lembrava do título da obra filosófica, acrescentado que esse tipo de leitura era muito importante.

4. Como é trabalhado o ensino de Ética e Cidadania (Filosofia) em sua escola? Usa-se livros, músicas, poemas, discussões).

R: Nessa questão a maioria dos estudantes responderam que o professor, usa o método de discussão de um conceito em sala com ele, tais como: violência, ética. E após as discussões eles respondem atividades para responder o que foi debatido.

5. Como você espera que a disciplina Ética e Cidadania) Filosofia possa lhe ajudar a compreender e assimilar as outras disciplinas?

R: Como essa questão foi elaborada para ser respondida discursivamente, alguns deixaram em branco, outros (pouquíssimos, se não me engano 05 alunos responderam essa questão) responderam porque ajuda a pensar a nossa realidade de uma melhor forma. E assim ajudaria a entender as outras disciplinas.

6. Quais os meios alternativos nos quais você gostaria de aprender Filosofia, por exemplo: poesia, literatura, cinema, debates?

R: Nessa questão eles foram enfáticos em responder, que por meio de poesia, cinema e outros meios de ensino seriam mais divertidos, pois, ficar só nos debates em sala de aula e depois responder as questões não eram suficientes para tornar as aulas de Ética e Cidadania dinâmicas.

A pesquisa para realização deste relatório investigativo, teve como objetivo compreender o envolvimento, e o interesse dos alunos para as aulas de filosofia, assim como, a importância, e a relevância do aprendizado da referida disciplina para construção de uma realidade mais propícia ao diálogo, a crítica e a reflexão, enfim, a mencionada pesquisa vislumbrou entender se realmente a filosofia voltada para o ensino quilombola exerce um papel como agente orientadora para o agir e pensar bem, objetivando também entender a partir das respostas dos alunos em relação as questões colocadas se a metodologia empregada como recurso didático necessariamente atende para a efetivação do filosofar.

Por mais que a educação se corresponda como um serviço essencial para a sociedade, seu discurso ainda hoje se concentra pela emissão de conteúdo curricular, destituindo por vezes a proposta de transmissão de valores que se tornam importantes para a construção dos direitos e deveres para todo indivíduo. Aqui, neste corrente estudo, busca ressaltar a representatividade da educação quanto à sua verdadeira função, de aferir cidadania e despertar no sentido de cada pessoa a sua significância quanto à autonomia e liberdade de conhecimento.

Todavia, o processo de inclusão se condiz como uma verdadeira abundância de políticas educacionais revertidas ao enfoque de instrumentação pedagógica, por exigência de posicionamentos éticos e de imposição de um sentido aferidor de cidadania compreendido aos modelos de ensino, que remetiam às escolas e demais centro de emissão educacional um papel de apresentação do indivíduo ao mundo, um convite para sua evolução como ser humano a partir da evolução cognitiva pelo processo de ensino-aprendizagem apresentado aos demais.

No que se remete a uma proposta inclusiva e cidadã, há de se observar certo vazio que se perpetuou praticamente durante décadas, onde os esforços de

instituições educacionais e governamentais se mantiveram somente em capacitar a educação de determinadas classes e indivíduos, para satisfazer interesses elitistas, por exemplo (SOUZA, 1994).

No lugar de se estabelecer a ineficiência da aplicação e conhecimento ao aluno como ainda hoje se fazem reconhecer junto ao contexto pedagógico praticado por muitas escolas e instituições, a verdadeira proposta da educação e pela qual se busca a efetivação da forma mais abrangente possível junto às atividades pedagógicas, faz-se evidenciar pela inserção do estudante enquanto protagonista social e cidadão, de modo com que se construa uma dimensão favorável à sua educação, no que tange à emissão de valores de estímulo à formação como ser humano.

5 CONCLUSÃO

O caminho para a erradicação de erros históricos no Brasil ainda se faz muito longo, mesmo a se considerar os fortes investimentos que se tem aplicado no contexto educacional do país e de um estado que ainda tem muito que realizar para atender sua população quanto a um dos serviços mais essenciais para a sociedade: a educação.

Propostas como a da preservação da identidade em comunidades quilombolas e o papel do ensino da Filosofia nesse processo podem despertar o público, em geral, quanto a este processo.

Entretanto, acredita-se que a maior contribuição a ser alcançada pelo estudo se dá na forma da implementação prática, de políticas públicas voltadas à prática do ensino mais democrático, inclusivo e atento à diversidade, mais precisamente quanto à importância da Filosofia, a se realizar entre alunos em período escolar, de modo que se contribua para o desenvolvimento acadêmico, profissional e humano não apenas para a satisfação da proposta curricular que a leitura exprime, mas de sua importância na formação de cidadãos conscientes e construtivos, sem que, para isso, percam suas origens, valores e princípios

Espera-se que o enfoque situacional delimitado pelo acompanhamento, análise e proposição de métodos pedagógicos inerentes à realidade dos discentes possa contribuir exemplarmente quanto à simultaneidade no respeito, valorização e promoção da identidade de alunos advindos de comunidades quilombolas pela educação.

Desta forma, a relevância do estudo atinge um enfoque bastante ilustrativo mediante o contexto pedagógico de estudantes quilombolas, em que se aguarda, pela observação crítica e proposição de novas formas de pensamento para que atuem de maneira sincrônica aos seus princípios e valores tradicionais, considerando-se a realidade onde vivem, mas sem deixar de difundir sua relevância enquanto indivíduos pertencentes a um mundo repleto de diferentes visões e formas de leitura.

Estudos como este devem se apresentados de forma mais recorrente, de modo a “despertar” da atenção para os problemas de modelos de ensino arcaicos que ainda são praticados no Brasil, que ignoram a diversidade e a identidade de seus alunos.

Daí a importância de estudos que se voltem à questão da Filosofia enquanto objeto curricular e como mecanismo imprescindível para a construção do conhecimento e quanto à aferição de cidadania; especialmente em se exigindo a formação críticas de estudantes quilombolas, mas a se considera que ainda há muito para ser feito, no que diz respeito à proposta de uma educação inclusiva e cidadã.

Este trabalho foi de uma investigação histórico-pedagógica-filosófica, que visa um levantamento de dados e informações do processo de ensino-aprendizagem nas comunidade quilombola de educação básica como também, do funcionamento e gerenciamento da escola estudada.

E me trouxe excelentes contribuições para o somatório de experiências quer na observação do cotidiano da sala de aula quer inserida nela, como docente pesquisador. Me trouxe muita compreensão e atenção quanto ao quesito funcionamento do ensino de filosofia numa Escolas Quilombola.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, G. Importância da demarcação de saberes no ensino de ciências para sociedades tradicionais. **Ciência & Educação**, v. 16, n. 3, p. 679-694, 2010.

BRASÍLIA. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola: algumas informações. **Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE)**, 2011.

CHAUÍ, M. **O que é ser educador hoje?** Da arte à ciência: a morte do educador. In: BRANDÃO, C. Et al. **O educador hoje**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal. 1992. p. 51-70.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática. 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-5. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Relatório do Recenseamento de 2010**. Brasília, Ministério do Planejamento, 2012.

INSTITUTO Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Relatório sobre territórios quilombolas no Brasil**. Brasília, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012.

Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais: ética / Secretaria Fundamental - 2ª ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SOUZA, F. **Construindo a cidadania?** *Inf. & Soc.: Est*, João Pessoa, v.4, n.1, p.15-21, jan./dez. 1994.

TESSER, G; HORN, G; JUNKES, D. A filosofia e seu ensino a partir de uma perspectiva da teoria crítica. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 113-126, out.-dez, 2012.

TOMAZZETI, E. Filosofia no ensino médio e seu professor: algumas reflexões. **Revista do centro de educação**, Santa Maria. v. 27, n. 2, p. 69-75, 2002. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2013.

Disponível em: <http://www.lpefil-uerj.net/oficinas/141-2007-o-papel-da-filosofia-africana-no-ensino-de-filosofia-no-brasil-olhares-sobre-a-lei-1063903>. Acesso em: 20 de dezembro de 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE DAMÁSIO EM GUIMARÃES-MA NA UNIDADE INTEGRADA MANOEL
MARTINS DA SILVA NO DIA 06 DE DEZEMBRO DE 2013.

1. Para você o que significa o estudo de Ética e Cidadania (Filosofia)?

- a) Não tem significado algum.
- b) É mais uma disciplina para obter aprovação.
- c) Possibilita ver a realidade de uma forma mais crítica
- d) Ajuda a compreender as outras disciplinas.

2. Você leu algum livro de Filosofia?

- a) Sim.
- b) Não.

3. Caso a questão anterior seja afirmativa, qual (is) o (s) livro (s) de filosofia você já leu?

4. Como é trabalhado o ensino de Ética e Cidadania (Filosofia) em sua escola? Use-se livros, músicas, poemas, discussões).

5. Como você espera que a disciplina (Ética e Cidadania) Filosofia possa lhe ajudar a compreender e assimilar as outras disciplinas?

6. Quais os meios alternativos nos quais você gostaria de aprender Filosofia, por exemplo: poesia, literatura, cinema, debates?

ANEXO B



